

Música
9 Janeiro 2010

Joanna MacGregor

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Piano Joanna MacGregor

J.S. Bach (1685-1750)

e D. Chostakovitch (1906-1975):

Prelúdios e Fugas

Bach: *Prelúdio e Fuga nº 1 em Dó maior BWV 846*

Chostakovitch: *Prelúdio e Fuga nº 1 em Dó maior*

Bach: *Prelúdio e Fuga nº 2 em Dó menor BWV 847*

Chostakovitch: *Prelúdio e Fuga nº 21 em Mi bemol maior*

Bach: *Prelúdio e Fuga nº 8 em Mi bemol menor BWV 853*

Chostakovitch: *Prelúdio e Fuga nº 15 em Ré bemol maior*

Bach: *Prelúdio e Fuga nº 15 em Sol maior BWV 860*

Chostakovitch: *Prelúdio e Fuga nº 5 em Ré maior*

Chostakovitch: *Prelúdio e Fuga nº 8 em Fá sustenido menor*

Bach: *Prelúdio e Fuga nº 24 em Si menor BWV 869*

Intervalo

Heitor Villa-Lobos (1887-1959)

Prelúdio nº 1; Choros nº 1

Egberto Gismonti (1947)

Frevo

Edu Lobo (1943)/Vinicius de Moraes (1913-1980)

Canto Triste

Antônio Carlos Jobim (1927-1994)/Vinicius de Moraes

Insensatez

Baden Powel (1937-2000)/Vinicius de Moraes

Canto de Ossenha

Astor Piazzolla (1921-1992), arranjos de J. MacGregor

Seis Tangos

Sáb 9 de Janeiro

Palco do Grande Auditório · 18h00 · Dur. 1h15 com intervalo · M12



O concerto desta tarde coloca lado a lado os génios de Bach e Chostakovitch e os ritmos de dança do Brasil e da Argentina.

Dmitri Chostakovitch escreveu o conjunto de 24 Prelúdios e Fugas (op. 87) depois de ter ouvido tocar, em Leipzig, em 1950, a pianista russa Tatiana Nikolayeva, então com 26 anos. De volta a Moscovo fixou uma estrutura tonal: pares das relativas maior/menor, movendo-se por quintas (Dó maior/Lá menor, Sol maior/Mi menor, e por aí fora). (Os 24 Prelúdios de Chopin estão organizados da mesma forma). Escrevendo muito depressa,

gastando apenas alguns dias em cada peça, a obra completa foi estreada por Tatiana Nikolayeva em Leninegrado em Dezembro de 1952. Evidentemente que Chostakovitch foi muito influenciado pelo *Cravo Bem Temperado* de Johann Sebastian Bach, escrito 230 anos antes, embora Bach tenha optado por desenvolver a sua obra em avanços cromáticos (Dó maior, Dó menor, Dó sustenido maior, etc.). Na selecção que fiz para este recital tentei mostrar as semelhanças entre os caminhos seguidos pelos dois compositores e a sua tremenda capacidade de variação, a ternura, alegria, tragédia e drama envolventes.

Bach

Prelúdio e Fuga nº 1 em Dó maior, BWV 846

O prelúdio de abertura é talvez a mais famosa peça que Bach escreveu, inicialmente composta para os seus filhos e para Anna Magdalena, a sua segunda mulher. Seguido de uma fuga em 4 partes *stretto* (isto é, em que as partes se sobrepõem constantemente).

Chostakovitch

Prelúdio e Fuga nº 1 em Dó maior

Também a peça de abertura do ciclo de Chostakovitch. O primeiro acorde usa a figura de abertura de Bach. O prelúdio é uma suave sarabanda, a fuga em 4 partes um sereno coral.

Bach

Prelúdio e Fuga nº 2 em Dó menor, BWV 847

Um prelúdio e fuga *jazzy*. Quando era rapariga pequena apaixonei-me pela gravação de Jacques Loussier desta peça.

Chostakovitch

Prelúdio e Fuga nº 21 em Mi bemol maior

Escolhi prosseguir na tonalidade próxima de Mi bemol que, no mundo de Bach (com três bemóis) descreve a Trindade e, em Beethoven, o heroísmo. Chostakovitch tem elementos de ambos, mas há nele dúvida e incerteza. A fuga em particular (em compasso 5/4) é muito cromática e cheia de ansiedade.

Bach

Prelúdio e Fuga nº 8 em Mi bemol menor, BWV 853

Um dos mais meditativos prelúdios de Bach, em forma de sarabanda. A fuga a

3 partes é uma maravilha de arquitetura, usando o *stretto*, a aumentação e a diminuição.

Chostakovitch

Prelúdio e Fuga nº 15 em Ré bemol maior

Um dos pontos altos do ciclo de Chostakovitch, muitas vezes tocado pelos pianistas como uma peça única, sem estar integrada no ciclo. O prelúdio é uma valsa selvagem, inebriante, e a fuga um turbilhão cromático loucamente vacilante, com constantes mudanças de ritmo.

Bach

Prelúdio e Fuga nº 15 em Sol maior, BWV 860

Um prelúdio belo, solar, refrescante. A fuga é num alegre compasso 6/8 com um tema comprido e numerosas passagens em semi-colcheias.

Chostakovitch

Prelúdio e Fuga nº 5 em Ré maior

De novo na tonalidade próxima (no ciclo das quintas). O prelúdio é suave e arpejado (arpejo é a execução sucessiva de notas de um acorde, as notas são tocadas uma a uma e não todas em simultâneo), a fuga, nervosamente delicada.

Chostakovitch

Prelúdio e Fuga nº 8 em Fá sustenido menor

O *Allegretto* do prelúdio é evidentemente russo, uma paródia ao exército (embora de soldados de brinquedo). Mas é na fuga que Chostakovitch se insere mais profundamente na teoria musical barroca: uma longa, desolada, angustiada torrente.

Bach

Prelúdio e Fuga nº 24 em Si maior, BWV 869

E agora vamos para o prelúdio e fuga finais do Caderno nº 1 do *Cravo Bem Temperado*. A cena começa com uma sonata em trio calma, imponente; segue-se um dos mais extraordinários temas de fuga de Bach, que usa todas as 12 notas da escala cromática. O alcance e verdadeiro sentido desta fuga estão abertos à interpretação, mas eu sinto-a como se fosse um exame profundo (e não necessariamente consolador) que Bach faz à sua fé, num mundo negro e turbulento.

Intervalo

Heitor Villa-Lobos

Prelúdio nº 1; Choros nº 1

Egberto Gismonti

Frevo

Edu Lobo/Vinicius de Moraes

Canto Triste

Antônio Carlos Jobim/Vinicius de Moraes

Insensatez

Baden Powel/Vinicius de Moraes

Canto de Ossenha

Há uns Verões atrás fiz a minha primeira viagem ao Brasil, tocando no Rio e em São Paulo. Voltei com muitas memórias felizes, os meus ouvidos abertos às deslumbrantes melodias e harmonias inerentes à música brasileira; este é um pequeno grupo de algumas peças famo-

sas que arranjei para piano logo a seguir à minha viagem – uma espécie de álbum de fotografias.

O compositor e investigador da música folclórica Heitor Villa-Lobos é um herói nacional, fundador do primeiro conservatório nacional do seu país. Vai reconhecer as suas duas peças como peças famosas para guitarra, escritas para Andres Segóvia. Toda a música de Villa-Lobos é influenciada pelos ritmos de rua brasileiros que ele revelou ao grande pianista Arthur Rubinstein, e a Milhaud, Stravinsky, Varèse e Copland, quando tocou a sua música em Paris nos anos 1920.

Egberto Gismonti é um fenomenal guitarrista, pianista e percussionista, e colaborou com grandes músicos como Herbie Hancock, Nana Vasconcelos ou Miles Davis: o turbulento e engenhoso *Frevo* é o seu tema mais pessoal. Depois de ter estudado com Nadia Boulanger e Jean Barraqué em Paris, voltou para o Rio, explorando as formas populares como o *choro* e aprendendo a tocar a guitarra brasileira de dez cordas. Num país abençoado por muitos músicos virtuosos, Gismonti é considerado como fazendo parte do grupo dos maiores compositores e intérpretes vivos, tendo escrito a banda sonora de mais de 60 filmes e centenas de peças.

Por fim, o trio de Afro-sambas dos maiores compositores de canções encerra em si as sensualidade e sutileza da música brasileira, desde a longa e sinuosa melodia de *Canto Triste* até à linda canção de Tom Jobim *Insensatez* – gravada por Frank Sinatra num álbum absolutamente perfeito de canções de Jobim de 1965.

Astor Piazzolla

Seis Tangos (arranjos de J. MacGregor)

Astor Piazzolla era um mestre do bandoneon – o acordeão argentino – e reinventou, suscitando muita controvérsia, a principal forma musical argentina, o tango. Parte da sua infância viveu-a num bairro pobre de Nova Iorque (onde os seus pais trabalhavam para a Máfia), mas aos 16 anos voltou para a sua cidade natal, Buenos Aires, e formou a sua própria orquestra. Levou vinte anos até conquistar o coração dos aficionados – e a sua fusão de jazz moderno com música latina clássica e folclórica, exasperou tanto os puristas do tango que recebeu ameaças de morte. Ao ler as inestimáveis *Memoirs* (compiladas por Natalio Gorin), em que Piazzolla fala sem inibições (e algumas vezes com amargura) sobre a sua vida e a sua música, fica-se impressionado pela sua luta e angústia e raiva – qualidades que emergem da sua música juntamente com um dom excepcional para a melodia e para o ritmo arrebatador. Apesar das críticas ferozes, dos desastres financeiros e de uma vida privada turbulenta, Piazzolla foi finalmente reconhecido como um génio, cuja música sombria está imersa em ideias hispânicas, italianas e judias.

Estes arranjos foram inspirados nas partituras não publicadas escritas para a instrumentação que Piazzolla preferia – bandoneon, violino, piano, guitarra eléctrica e baixo acústico. Nos últimos cinco anos tive a sorte de fazer digressões com o Quinteto Piazzolla, os músicos de Buenos Aires com quem Piazzolla tocava (incluindo o grande guitarrista Horacio Malvicino e o baixista Hector Console) e

aprendi muito sobre o estilo de Piazzolla, em especial como certas pequenas pancadas devem soar *mugre*, ou seja, sujo ou rude. Não há percussão, mas muitas vezes os músicos batem com o pé, gritam e tocam os seus instrumentos de maneiras únicas!

1. Tanguedia

Um bolero explosivo – uma peça comovente, percussiva, com muitas mudanças de tempo.

2. Buenos Aires Hora Cero

Uma impressão sobre os sons das ruas à noite em Buenos Aires. Piazzolla gostava de usar técnicas contemporâneas (semi-improvisadas), sobre esta composição.

3. Millonga del Angel

Uma das suas melodias sobre o ardente desejo que paralisa o coração. Faz parte da trilogia *Angel* que reflecte a alma do tango – a última dança dos amantes.

4. Michelangelo 70

Escrito para o teatro Michelangelo na Argentina. Não tem muita melodia, mas uma série de mudanças de acordes cromáticos e de ritmos arrebatadores.

5. Soledad

Uma das peças de Piazzolla mais autobiográficas, trágicas; outra milonga. O título significa “solidão” ou “só”, e tem uma conotação cinematográfica e épica.

6. Libertango

O maior sucesso *crossover* (onde se encontram vários estilos musicais) internacional de Piazzolla da década de 1970. Num qualquer ponto, algures na terra, alguém estará a tocar esta peça:

num bar, na rua, numa sala de concertos, ou em versão pop. Esta obra encerra a energia e imaginação únicas de Piazzolla – e o seu amor por Bach.

Notas de Joanna MacGregor

Joanna MacGregor

Joanna MacGregor é considerada um dos músicos actuais mais inovadores e que abarcam mais estilos musicais. Durante a sua carreira tem-se relacionado com muitos géneros musicais, desafiando as classificações. Actuou em mais de 60 países, frequentemente como artista solista tocando com muitas das mais importantes orquestras mundiais, como a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica da Rádio da Holanda, a Filarmónica de Oslo, a Sinfónica de Chicago. De entre os muitos eminentes maestros com quem trabalhou, contam-se Pierre Boulez, Sir Colin Davis, Sir Simon Rattle e Michael Tilson Thomas. Estreou muitas peças marcantes de compositores como Sir Harrison Birtwistle e Django Bates, John Adams e James MacMillan. Em Maio de 2010 vai participar como pianista em duas récitas da Sinfonia Turangalila de Messiaen com a Orquestra Sinfónica de Londres dirigida por Valery Gergiev.

Joanna MacGregor estreou-se como maestrina no princípio de 2002 e dirige desde então os seus projectos orquestrais, incluindo um programa só com obras de Mozart à frente da Royal Philharmonic Orchestra ou com peças Bach, dirigindo a Orquestra Hallé. MacGregor tem uma parceria artística muito estreita como maestrina e solista com a Britten Sinfonia, interpretando programas que vão da música clássica a novas colaborações com músicos de jazz e de *world music*. Esta relação de dez anos continua esta temporada com digressões por Espanha, México e América do Sul. Fez digressões pela

África do Sul com o pianista de jazz Moses Molelekwa (falecido em 2001, ainda muito novo), gravou com o músico pop e tocador de tabla Talvin Singh, colaborou com Brian Eno e em 2003 percorreu a China com *Crossborder*, uma criação com a Companhia de Teatro Dança de Jin Xing, de Xangai, que combina música tradicional chinesa com tecnologia computacional e filme. Para o Festival Internacional de Música de Bath comissariou a instalação *On The Edge of Life*, uma colaboração multimédia entre médicos pediatras, artistas e músicos, em torno do nascimento prematuro. Este evento tornou-se anual e em 2008 teve como tema o problema dos sem-abrigo e em 2009 os direitos humanos das crianças através do prisma das histórias de fadas, desenvolvido com a historiadora cultural Marina Wagner. Em 2009 abriu o Festival de Jazz de Londres com uma colaboração entre o cantor árabe e virtuoso do oud Dhafer Youssef e a Britten Sinfonia, considerada pelo jornal *Times* como “o futuro da música”.

Joanna MacGregor gravou mais de 30 discos a solo, com música de Bach, Scarlatti, Ravel e Debussy, mas também com jazz e música contemporânea. A sua própria editora, SoundCircus, foi fundada em 1998 e editou muitas gravações de sucesso, incluindo os álbuns *Play* (nomeado para o Prémio Mercury, com música de Bach, Ligeti e Piazzolla) e *Neural Circuits*, com música de Messiaen, Arvo Pärt e Nitin Sawhney, entre outros. Mais recentemente gravou *Sidewalk Dances* - com peças do músico de rua de Nova Iorque Moondog - e *Deep River*, música inspirada por Deep South, ambos com o saxofonista Andy Sheppard. Nos inícios deste ano sairão *Live in Buenos*

Aires e as *Variações Goldberg* de Bach, gravadas no Mozarteum em Salzburgo, editados pela Warner Classic and Jazz em parceria com a SoundCircus.

Joanna MacGregor ensina na Liverpool Hope University e no Royal College of Art e recebeu bolsas de estudo dos Royal Academy of Music, Trinity College of Music e New Hall, Cambridge, bem como Doutoramentos *honoris causa* da Universidade de Bath e da Open University. Entre 1997 e 2000 foi professora de música no Gresham College, em Londres, onde deu uma série de conferências públicas. O seu interesse pela educação reflecte-se nos seus três livros de música para crianças, *PianoWorld*.

Desde 2006 que é directora artística do Festival Internacional de Música de Bath.

Stefano Bollani Trio

Stone in the Water

Programador: Manuel Jorge Veloso



Jazz Dom 10 Janeiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12

Piano Stefano Bollani

Contra baixo Jesper Bodilsen

Bateria Morten Lund

Constituído há cerca de seis anos, este “trio dinamarquês” é uma das muitas formações através das quais, como líder ou *sideman* qualificado, o pianista italiano Stefano Bollani se tem afirmado no panorama actual do jazz internacional, gravando em 2009, pela primeira vez para a ECM, o álbum *Stone in the Water*, considerado pela crítica especializada um dos mais importantes do ano.

Nascido em Milão em 1972, Bollani começou desde muito novo a tocar piano como autodidacta mas aos 11 anos de idade matriculou-se no Conservatório de Florença. Desenvolvendo ali a sua formação musical académica e tendo-se graduado em 1993, o pianista interessou-se desde logo pelo jazz mas também pela música pop e pelas variedades, acompanhando vários cantores nesta área.

E foi o convite de Enrico Rava para fazer parte do seu grupo durante uma digressão a França que colocou o pianista na ribalta do jazz, iniciando então uma carreira imparável neste domínio, que já o levou a tocar em vários contextos e liderando os seus próprios grupos.

Possuidor de uma técnica pianística apurada, capaz dos maiores arrebatamentos líricos e de um fraseado virtuosístico impressionante, Bollani já participou em numerosos festivais em Itália e no estrangeiro, sendo habitualmente músico convidado de personalidades como Lee Konitz, Pat Metheny, Paolo Fresu, Phil Woods ou Gato Barbieri.

Neste concerto da Culturgest, será de esperar que o repertório de *Stone in the Water* esteja em primeiro plano, na diversidade das suas atmosferas, tão bem construídas pela criativa interacção de três músicos de excepção.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Maria Zara Soares

estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
